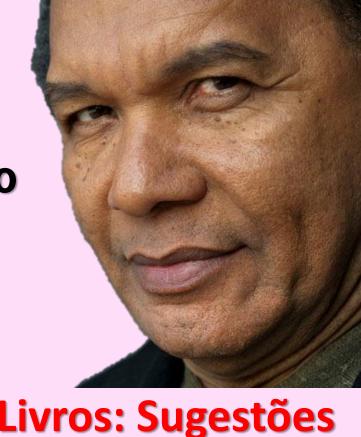


Nº 38 nov-dez/2020

Uma leitura do livro *Versos Avulsos*, de Salgado Maranhão



ivros: Sugestões. de leitura

Wilson Marques, embaixador das lendas maranhenses

S.U.M.Á.R.I.O

Os avessos avulsos de Salgado Maranhão Pág. 03

Wilson Marques, o embaixador das lendas maranhenses Pág. 06



Pág. 09

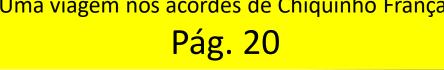
Conto: O brinde

Pág. 14

Cantinho da poesia

Pág. 16

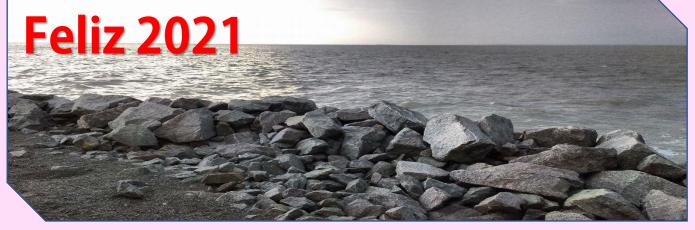
Uma viagem nos acordes de Chiquinho França











ILHAVIRTUALPONTOCOM é uma publicação independente e sem fins lucrativos que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense, principalmente a literatura.

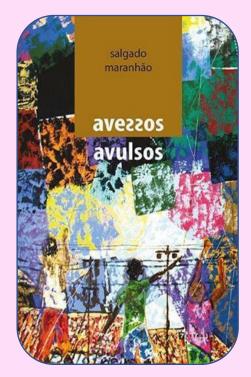
Editor: José Neres

Colaboradores desta edição: Linda Barros, José Neres, Marcos Vinicius Sousa da Luz, Nadja Marcela Castro Nascimento e Paulo Victor Cruz Garras

Os versos avulsos de Salgado Maranhã

José Neres





Os poetas são pessoas normais que, em alguns momentos, conseguem inseminar nas palavras uma beleza que vai além dos significados visíveis e audíveis. No momento da criação poética, parece que esses seres se veem iluminados por uma incompreensível aura que dá a cada uma dessas pessoas o poder de modificar sentidos e de tirar todas as estruturas verbais de seus eixos de acomodação. A poesia é capaz de transformar cores e dores em flores e dissabores, dependendo da vontade, do talento e do incessante trabalho com as palavras.

Contudo...

Já faz um bom tempo que os amantes da literatura em versos vêm reclamando de uma espécie de "crise da/na poesia", não pela falta de bons escritores ou por não haver qualidade na construção imagética, sonora ou artística dos poemas, mas pela considerável ausência de leitores, consumidores e comentadores dessa nobre arte literária.

É perceptível que muitas pessoas (muitas!!!) não querem mais saber de se debruçar sobre um livro repleto de poemas e inundado de poesia. A chamada sociedade, líquida sobre a qual tanto escreveu o sociólogo polonês Zygmunt Baumam, parece querer afogar, com seu bafejo tacocrônico, a força, a leveza e a densidade da poesia.

Porém...

Mesmo mergulhados em riscos e incertezas constantes deste nosso mundo pós-moderno, ainda existem pessoas que utilizam seu precioso tempo para ler, divulgar e produzir poemas. E um desses seres iluminados pelos acordes dos líricos arpejos poéticos é José Salgado Santos, mais conhecido no mundo literário como Salgado Maranhão, um homem que, há décadas, vem edificando um monumento em forma de livros de grande aceitação por parte da crítica especializada e que consegue alcançar uma seleta fatia dos leitores de poesia não apenas no Brasil, mas também em outras partes do mundo, pois seus livros são traduzidos para diversas línguas.

Salgado
Maranhão já
mereceu elogios
de nomes como
Ferreira Gullar,
Olga Savary,
Heloisa Buarque
de Hollanda,
Antônio Cícero,
Jorge
Wanderley,
Domício
Proença Filho e
Rafael Campos
Quevedo.

Dono de uma forte e bem articulada dicção poética, Salgado Maranhão já mereceu elogios de nomes como Ferreira Gullar, Olga Savary, Heloisa Buarque de Hollanda, Antônio Cícero, Jorge Wanderley, Domício Proença Filho e Rafael Campos Quevedo, para ficar apenas no âmbito da mais arguta e exigente crítica literária.

Cordial nas palavras e no trato com as pessoas, o poeta, em seu livro *Avessos Avulsos* (Editora 7 Letras, 2016, 80 páginas) tenta convencer o leitor de que "nunca fui senão um domador / de fábulas. O que arrisca seus / ritos no penhasco. / Nunca serei menos que o grito e um rastro de asas" (pág. 30), porém nas 53 cenas verbais que compõem o livro, o poeta demonstra exatamente o contrário. Não se trata de um mero domador de fábulas, mas sim de um escultor de palavras capaz de incrustar diamantes de poesia em formas e fatos que muitas vezes têm origem na dor e nos inúmeros desenganos pelos quais o homem passa em seu dia a dia.

Mesmo ciente de que "não há remédios / para as flechas maduras / que atravessam a noite" (pág. 16), o poeta sabe que sua voz, que é metaforicamente descrita como "um tigre / que atravessa / o pântano" (pág. 24), pode fazer a diferença no meio de uma multidão de seres silenciados pelos (des)casos que se multiplicam em cascata em todos os cantos do mundo, pois sempre deve haver "quem dome a tempestade e (...) quem desacate os mares" (pág. 53). E essa é uma das muitas missões de um poeta, um ser que cavalga "a dor / de ser pétala entre espinhos" (pág. 66).

Ao entrar em contato com a produção poética de Salgado Maranhão, o leitor sempre se deparará com um apurado senso estético de quem atiça "a labareda da linguagem" (pág. 41), para ora dali extrair "as ervas aromáticas de teu sexo" (pág. 43), ou para lembrar que "teu pão vem dessa fome / que arbitra o salário das aves" (pág. 25), ou seja, nas construções poemáticas desse artista das palavras, há espaço tanto para o erótico quanto para o social, pois tudo recende à essência humana.

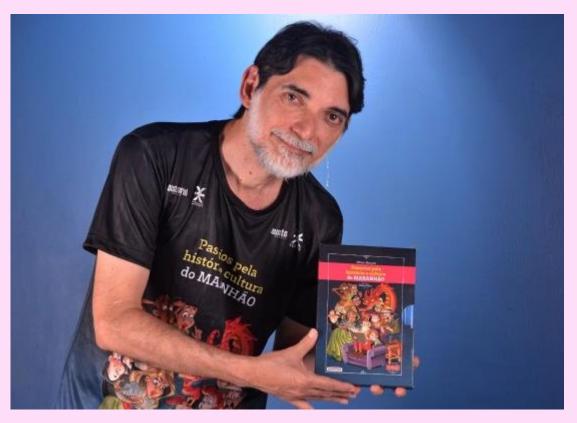
O poeta sabe que "viver é ser somente o vento / e o areal" (p. 23), que o amor tanto pode ser "bárbaro feito um vampiro" (pág. 33) ou "a ciência de arder as veias e a concha / onde o mar perde os músculos" (pág. 31), pois tudo que vem de forma avulsa (ou não) pode ser visto também pelo avesso do avesso.



Nesse livro, assim como em tantos outros, Salgado Maranhão acaba, mesmo sem querer, demonstrando que o poeta é uma pessoa normal, com o diferencial de saber agarrar-se à força das palavras para delas extrair o máximo possível de cada som, de cada sílaba, de cada imagem.

Se a poesia (e a literatura como um todo) está em crise, é assunto para outra conversa, por enquanto fica a beleza de imaginar que ainda existe quem se interesse pelas palavras escritas e a certeza de saber que "poesia é fazer cantar a pedra" (pág. 25) em uma "terra / em que os sonhos brotam com sangue (pág. 30). E é isso o que nos faz mais humanos a cada passar de dia ou de página.

Wilson Marques: o embaixador das lendas maranhenses



O maranhense Wilson Marques, natural da cidade de Caxias - MA. possui um vasto currículo profissional, destacando-se por ser um escritor promissor no campo da literatura infanto-juvenil. Ele se formou Jornalismo em pela Universidade **Federal** do Maranhão (UFMA), trabalhou na capital São Luís-MA e também no estado de São Paulo, onde foi fotógrafo e redator e publicitário. Como bom ouvinte é bastante atencioso nas histórias e fatos do cotidiano.

Por Marcos Vinicius Sousa da Luz Nadja Marcela Castro Nascimento Paulo Victor Cruz Garras

> (Aluno de Letras da Faculdade Pitágoras do Maranhão)

Wilson Marques acabou focando na carreira de escritor e se dedicando ao público mais jovem na intenção de formar novos leitores. Desse modo, Wilson Marques teve o cuidado de escrever suas narrativas destacando as histórias e lendas regionais do Maranhão, escrevendo livros nos quais conta de forma simples, de maneira lúdica e funcional, a cultura maranhense.

Um escritor como Wilson Marques, que valoriza a cultura regional de um estado de grande valor histórico como o Maranhão, é de suma importância no âmbito socioeducativo, afinal além de preocupar-se com a formação de leitores, o escritor imiscui em seus textos a história, a cultura e as lendas do Estado, proporcionando mais que momentos de entretenimento, mas também informações essenciais sobre histórica para as pessoas nativas da cidade de São Luís, para que todos possam conhecer um pouco mais da essência que nos é mostrada de forma rasa pelas mídias que nos rodeiam. Levando, com sua arte, informações sobre a cidade para outros estados e para o mundo.

Um escritor que valoriza a sua regionalidade, torna-se um embaixador local, pois onde quer que ele esteja ou sua obra possa alcançar, lá se fará presente a cultura do próprio povo, estreitando fronteiras socioculturais, valorizando e respeitando as diversas histórias fincadas aqui no Brasil, pela miscigenação cultural que se encontra no Estado do Maranhão.



Wilson Marques possibilita, a partir da leitura de sua obra, imersão na cultura maranhense, desenvolvendo de forma lúdica as mais variadas histórias do povo de São Luís. Visto isso, as suas obras contribuem para a ação educativa, pois o autor produz a suas narrativas visando a história do Maranhão, o que motiva o leitor a buscar por mais informações acerca do assunto como nos livros: A *Balaiada*, *A Revolta de Beckman*, *Touc*hê: uma aventura pela cidade dos azulejos, *Quem tem medo de Ana Jansen?* Entre outros.





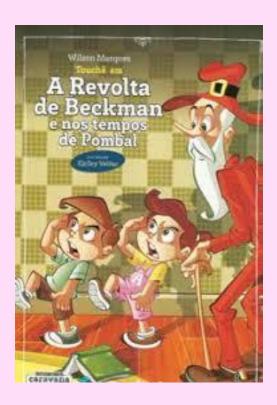




Quem tem medo de Ana Jansen?, por exemplo, é um livro que, apesar de curto, contém aproximadamente 29 páginas, é rico em aspectos culturais e em informações. El pode ser dividido em 3 partes: a primeira abrange sobre a lenda de Ana Jansen, introduzida em uma história ficcional, tendo como personagens o João e sua Avó. Possivelmente, o garotinho pode ser um reflexo do próprio autor em sua infância, pois no trecho final da primeira parte do livro ele comenta: "(...) Que nem minha avó, nem meus pais, tios ou professoras acreditaram na minha incrível aventura. E que mesmo se um dia eu escrevesse um livro contando tudo o que aconteceu naquela noite assombrada, dificilmente alguém, exceto as crianças como aquela que eu fui um dia, me levariam a sério." E ele continua com: "O mais incrível é que depois de ficar adulto, eu mesmo duvido se tudo aquilo foi de verdade...". A segunda parte do livro explica quem foi Ana Jansen. Nesse momento, o autor nos mostra a trajetória da vida da famosa matriarca maranhense, chegando até a lenda que é pelo meio onde seu nome é tão familiar. Para ilustrar a narrativa, ele utiliza fotos reais dos locais onde ela viveu, inclusive do cemitério por onde a sua carruagem passa à noite. O último momento do livro traz uma história em quadrinhos resumindo toda a lenda que há décadas assombra as crianças e os adultos de São Luís.

Visto isso, Wilson Marques colabora com seus livros para o crescimento da nossa literatura infanto-juvenil, além de que valoriza a nossa cultura, auxilia na construção do conhecimento histórico da nossa cidade e do nosso Estado e transmite nossos costumes e linguajar em suas estruturas.

Um escritor que valoriza a sua regionalidade, torna-se um embaixador local, pois onde quer que ele esteja ou sua obra possa alcançar, lá se fará presente a cultura do próprio povo



Memória Literária Manuel Lopes

José Neres



Os duros afazeres cotidianos, a inclemente necessidade de estar em todos os lugares e de dar contas de múltiplos compromissos ao mesmo tempo, a insana busca da sobrevivência em uma época em que parece que o próprio tempo não é suficiente para a execução de tudo o que queremos, a certeza das incertezas em um mundo de liquidez, perigo e consumismo... Essas e outras características deste mundo dito pós-moderno fazem com que deixemos de lado algumas ações que são tão importantes, mas as quais relegamos a um segundo, terceiro, quarto ou último plano.

Esquecemos, por exemplo, neste cotidiano de corre-corre em busca de um hipotético futuro melhor, de olhar para o passado e reconhecer ali os brilhos que iluminam nosso presente e que podem ter um alcance que irá além de nossa breve existência. Olhando para o chão do hoje e tentando levantar os olhos para os horizontes do amanhã, deixamos de lado alguns de nossos talentos que hoje não são mais tão discutidos, que não aparecem na mídia, mas a quem tanto devemos. Este é o caso do poeta Manuel Lopes, talentoso e respeitado poeta, mas cujo nome aos poucos vem sendo engolido pelas névoas do esquecimento.

Elogiada por intelectuais do porte de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jomar Moraes, Carlos Cunha, Ferreira Gullar e Oswaldino Marques, a poesia de Manuel Lopes tem um brilho que não ficou marcado pelo passado e que ainda refulge no presente com uma sonoridade artística que ainda pode encontrar ressonância na atualidade. Para José Chagas, Manuel Lopes é "uma das mais altas vozes da poesia maranhense, com marcos definidos em nossa história desde inícios da década de 50". E essa afirmação não é nenhum exagero do autor de Os Canhões do Silêncio. Em termos de competência poética, com as proporções guardadas, a obra de Manuel Lopes pode figurar sem demérito ao lado da produção literária de diversos de seus companheiros de geração, como é o caso de Ferreira Gullar, Nauro Machado, Bandeira Tribuzi e o próprio José Chagas.

No entanto, não obstante o reconhecido tanto desse escritor que não se dedicou apenas à poesia, mas que também mergulhou nas produções técnicas acerca da política e do desenvolvimento socioeconômico do Maranhão, seus versos deixaram de ser divulgados e hoje são lembrados praticamente apenas pelos antigos admiradores de sua produção poética, sendo quase desconhecido pelas novas gerações.

Embora em 2002 tenha sido publicado o livro O Verbo Contido: Poesia Até Agora, na coleção Maranhão Sempre, reunindo sete livros do poeta, a saber: Voz no Silêncio, Poemas de Agosto, Um Homem à Beira do Rio, Ofício no Escuro, Campo-Ilha-Urbs, Canção Itinerária e Breviário de Laila, o esforço não foi suficiente para trazer novamente à tona a voz poética de um homem que encantou as décadas de 50, 60 e 70 com a força de seus versos e com a força de suas imagens poéticas que se enveredavam "nos caminhos da cidade [e] nos descaminhos da vida", sem perder a força crítica aliada a um lirismo que tentava enxergar um pouco além de seu tempo.

A poesia de Manuel Lopes, como tão bem nos informa o crítico Sebastião Moreira Duarte, não é fácil de ser classificada, mas nem mesmo precisa de uma classificação. É poesia e pronto! E poesia de boa qualidade, que pode conduzir a reflexões acerca do estar no mundo e do sentir-se deslocado no mundo. Nauro Machado, com sua aguçada visão crítica, identificou nesse poeta preocupado com a duração interior do tempo e nota que mesmo tendo ficado tanto tempo afastado do Maranhão, sua terra, principalmente São Luís, frequenta com assiduidade as linhas de seus versos. Podemos acrescentar que outra marca do poeta de Ofício no Escuro é uma constante recorrência à memória com forma de trazer à luz um passado que deixou suas marcas.

Nascido na cidade de Dom Pedro em 2 de outubro de 1929, Manuel Lopes é graduado em Letras Clássicas e membro da Academia Maranhense de Letras. Exerceu diversos cargos públicos, e fez da poesia uma forma de grito de liberdade, de recordação e de protesto.

Depois de encantar com sua poesia e com seus jeito de ser, o poeta deixou nosso mundo no dia 03 de novembro de 2017, deixando uma obra que ainda tem muito para ser estudada e analisada.

0 Brinde

José Neres

A bem da verdade, é preciso dizer: meu pai nunca deixou que faltasse nos comida. Sempre tivemos até mais que o necessário para uma vida confortável. O que nosso pai não nos dava em palavras, afagos e carinhos, ele nos dava em comida e sorrisos. Não consigo me lembrar da voz dele. Não consigo esquecer seu sorriso meigo de dentes perfeitos. Falava pouco. Sorria suficiente para encantar com seu silêncio.

"Pai, tô com fome!". Era a frase que ele mais ouvia dos filhos. Três ao todo: eu, minha irmã e meu irmão mais velho. Nosso pai nada falava. Sorria. Ia à geladeira e preparava algo bem gostoso para todos. Comíamos e bebíamos felizes.

Mas isso foi antes da grande crise.

A grande crise chegou e abalou a todos. Papai se esforçava ao máximo para manter a casa. Mamãe, sempre alheia a tudo, começou a perceber que a despensa ia ficando vazia. Ela falava menos que papai, com o defeito de nunca sorrir. Mas da voz dela eu me lembro. Era voz de sofrimento.

A frase continuava a mesma: "Pai, tô com fome". A comida vinha em quantidade menor, mas sempre vinha. A diferença era que papai já não nos acompanhava durante as refeições. Depois mamãe também parou de sentar-se à mesa conosco. A crise aumentava. Mas era diminuída pelo sorriso de meu pai.

A geladeira estava vazia, mas a fome continuava. Papai, com o olhar, chamou mamãe para a cozinha. Ouvimos o choro dela. Sentido. Distante. Mas minutos depois esquecemos tudo com a visão de um belo bife, bem passado. Papai parou de aparecer para nós. Vez ou outra, apenas botava a cabeça para fora pela porta da cozinha e dava um sorriso. Mas agora era um sorriso triste, dolorido.

A carne servida não deixava que sentíssemos a ausência de nosso pai. Um dia nossa mãe nos serviu apenas uma sopa com pouca carne e muito osso. Reclamamos. Ameaçamos chamar papai para resolver o problema. Queríamos carne. Estávamos acostumados era com carne, não com osso. Mamãe suspirou fundo e foi para a cozinha.



"Filhos... Venham cá!" A frase imperativa, mas quase inaudível, vinha de uma voz já quase esquecida. Nosso pai, depois de muito tempo, falava de novo. Entramos alegres na cozinha e paramos de súbito. Sentado em uma cadeira perto do fogão estava papai. Ou melhor, o que restava dele. Apenas a cabeça se mexia, lentamente. O pulmão e o coração eram visíveis através do esqueleto que teve quase toda a sua carne cortada, congelada, frita, assada, cozida...

Ele não precisou dizer mais nada. Compreendemos tudo. De seus lábios tristes brotou um sorriso. O derradeiro sorriso que ele dividiu conosco. Mamãe pegou uma taça de cristal. A última que restava e levou-a até a cabeça de papai. As lágrimas dos dois se misturaram e gotejaram na taça. Ele olhou para nós, triste, mas com a satisfação estampada no rosto. Mamãe, fez um gesto de brinde em direção ao esqueleto de papai, para si própria e depois em nossa direção. Abriu a geladeira e ali guardou para sempre as lágrimas dos dois.

Voltamos para a sala e nunca mais reclamamos da sopa de ossos que nos mantinha vivos.

Cantinho da poesia

UM DIA, UM ADEUS

(Para Moscoso Maia)

Na pressa da vida Vaga o dia. Na lentidão das nuvens Correm as esperanças. No clarão do céu, Somem as angústias. Na escuridão do quarto, JAZ uma luz.

DOR

A dor que dói na alma não é a mesma a mesma que se sente a dor que dói na alma é a mesma que desalenta!

SUGESTÕES DE 2₀ LEITURA PARA 2₁

Algumas pessoas sempre nos pedem sugestões de leitura. Sugerir um livro é sempre algo muito difícil, mas a seguir vamos relacionar algumas obras que são boas para ler, presentear ou para puxar uma boa conversa.

Obra	Autor(a)	comentário
A culpa é das estrelas	John Green	Livro que leva o leitor a refletir sobre a vida e morte, discutindo também as relações amorosas e as formas de conviver com uma doença grave.
A droga da obediência	Pedro Bandeira	Neste livro infanto-juvenil, o autor, em uma narrativa envolvente, escrita em uma linguagem acessível a pessoas de qualquer idade, alerta pais, professores e a sociedade em geral, sobre os perigos enfrentados pela juventude no dia a dia.
A metamorfose	Franz Kafka	Livro essencial para a formação leitora do jovem. Nessa obra, o autor chama a atenção para um acontecimento inusitado, mas, ao mesmo tempo, trabalha as relações familiares.
A revolução dos bichos	George Orwell	Livro que traz de modo metafórico e divertido diversas lições sobre política, poder e conflitos existenciais.

Obra	Autor(a)	comentário
Americanah	Chimamanda Ngozi Adichie	Romance de uma das principais escritoras africanas da atualidade, nesse livro o leitor poderá ser levado a compreender as diferenças culturais e os preconceitos implícitos nas relações sociais.
A arca de Noé	Vinícius de Morais	Livro essencial para desenvolver o gosto pela leitura. São poemas curtos e melodiosos tendo animais como temática, mas que trazem também reflexões sobre o ser humano.
Assassinato no Expresso do Oriente	Agatha Christie	Livro que mescla mistério e aventura. Um bom modo de despertar a curiosidade e a criatividade de pessoas que estejam começando o contato com obras clássicas.
Cândido ou o otimismo	Voltaire	Livro muito bom para discutir valores e formação moral da juventude em uma narrativa fluida e escrita em uma linguagem agradável.
Capitães da Areia	Jorge Amado	Trata-se de um clássico da literatura nacional e que traz algumas reflexões acerca do uso de drogas (lícitas e ilícitas) por parte de menores e chama a atenção para as consequências disso para a sociedade.
Felicidade clandestina	Clarice Lispector	Contos de grande sensibilidade e que levam o leitor a um mergulho na essência do ser humano e da própria compreensão do que é ser e estar no mundo.

Obra	Autor(a)	comentário
Maus	Art Spiegelman	História em quadrinhos que mostra os conflitos da Segunda Guerra Mundial e trata, ao mesmo tempo, das relações sociais e familiares.
O ´Código Da Vinci	Dan Bronw	Romance cheio de aventura e de suspense que leva o leitor a mergulhar no mundo das artes e conhecer algumas obras essenciais para a cultura universal.
O Cortiço	Aluísio Azevedo	Uma das principais obras da literatura brasileira do século XIX, este livro trabalha as relações humanas e os conflitos sociais nos quais as personagens estão inseridas.
O diário de Anne Frank	Ane Frank	Livro autobiográfico que leva o leitor a entrar em contato com um dos mais tenebrosos momentos da história da humanidade e compreender as causas do holocausto.
O diário Mágico	Sharlene Serra	Livro que, de modo simples, sério e técnico, trabalha o polêmico tema do abuso sexual de menores dentro e fora do próprio lar.
O entrevistador de lendas	José Ewerton Neto	Nesse livro, o autor utiliza as lendas maranhenses para levar o leitor a uma reflexão acerca de nossos valores culturais e da história tanto da Ilha de São Luís quanto do Maranhão como um todo.

Obra	Autor(a)	comentário
O filho eterno	Cristóvão Tezza	Romance bastante premiado e que traz a relação entre um pai e seu filho, que nasceu com Síndrome de Down. Ao longo da narrativa o leitor se envolve com a narrativa e passar a fazer parte do drama familiar.
O menino do pijama Listrado	John Boyne	Considerado uma das obras- primas da literatura contemporânea, esse livro leva o leitor a conhecer os horrores de um campo de concentração.
O Mundo de Sofia	Jostein Gaarder	Livro essencial para o jovem entrar em contato com a história da Filosofia e do pensamento humano ao longo da história de modo simples e agradável.
Os tambores de São Luís	Josué Montello	Livro essencial para quem deseja conhecer a história, a cultura e os elementos formadores do Maranhão. Uma das obras mais importantes da literatura maranhense do século XX.
Quarto de despejo	Maria Carolina de Jesus	Excelente livro para desenvolver um diálogo sobre a história recente da África e seu processo de colonização e busca da própria identidade
Terra sonâmbula	Mia Couto	Excelente livro para desenvolver um diálogo sobre a história recente da África e seu processo de colonização e busca da própria identidade

Obra	Autor(a)	comentário
Um estudo em vermelho	Arthur Conan Doyle	Livro bom para despertar a criatividade e a curiosidade dos leitores iniciantes. Uma história de suspense e aventura com o maior detetive de todos os tempos: Sherlock Holmes.
Uma breve história do tempo	Stephen Hawking	Neste livro, o autor, considerado um dos melhores físicos de todos os tempos, explica, de modo didático, o surgimento do universo. Uma forma agradável de iniciar jovens no mundo das ciências.
Úrsula	Maria Firmina dos Reis	Trata-se do primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil. Nesse livro, o leitor pode conhecer um pouco da escravidão tanto pelo olhar do branco quanto pelas palavras dos negros.
Vidas secas	Graciliano Ramos	Um dos maiores clássicos da literatura brasileira, este livro trata sobre a exploração do homem pelo homem e da (in)comunicabilidade humana.



Uma viagem nos acordes de Chiquinho França

Linda Barros Professora, escritora e atriz

Todos temos e vivemos em um estado de espírito, que oscila sempre e todos os dias, entre a alegria, a tristeza, a saudade, a raiva, ou simplesmente, em nada, e às vezes, a única coisa que nos "desmonta", nos sacode, e nos faz despertar de todo esse transe, é ouvir uma boa música, sem nenhum cunho de crítica, de nada dizer. A música tem o objetivo, entreter, relaxar, ou somente ecoar no ar.

Se fecharmos nossos olhos e nos conectarmos somente com o silêncio é possível nos deleitarmos com os sons que chegam até nós, vindos de qualquer direção. E para quem é amante da boa música, um simples acorde de uma guitarra ou de um violão já causa euforia em todo o corpo. Assim são os arranjos da guitarra do maranhense Francisco Lopes da Costa, mais conhecido como Chiquinho França, artista de origem bem humilde, nascido de num lugarejo chamado Fazenda Catanha, localizado entre Santa Inês e Bom Jardim.

Filho de um agricultor e de uma doméstica, o músico tem 10 irmãos, entre eles o cantor e compositor Luís Carlos Dias, grande parceiro e quem lhe ensinou os primeiros acordes. O eclético Chiquinho desde muito jovem, mais precisamente aos 15, já demonstrava para sua família que era essa carreira de artista que queria para vida. Viveu boa parte de sua vida em Imperatriz, cidade adotada para viver e desenvolver suas habilidades artísticas.





"Chiquinho
França tem
uma carreira
consolidada e
de sucesso,
tem cinco CDs
instrumentais
e um DVD"

Como é comum a muitos artistas de grandes talentos como o caso de Chiquinho França, há uma mistura de ritmos. Fato este que chegou até receber algumas críticas por ele não se identificar com um só estilo musical. Eclético como sempre foi, passou por uma mistura de linguagens, influências, referências, tradições e novidades deixando clara a efervescência que vem acontecendo nessa frente da música brasileira.

A capital do reggae, a Atenas brasileira, a terra do Tambor de Crioula, do Bumba Boi, a capital que é Patrimônio da Humanidade, não podia também deixar de fora esse grande nome da guitarra, que, além de todo o talento, é multi-instrumentista autodidata, e reconhecido nacionalmente por composições que misturam chorinho, baião, xote e até mesmo música erudita, ao som do violão, do bandolim e da guitarra. Ele já carrega na vida e nos acordes mais de trinta e cinco anos de carreira, consolidada com naturalidade que lhe é peculiar inconfundível.

O músico teve participação em diversos projetos coletivos como: *Som do Mará* e *A5*, além de um projeto de revitalização da música maranhense, que tem como objetivo divulgar as composições autorais feitas por artistas locais em todo o Estado. Foi também Presidente da Secretaria de Cultura de Imperatriz.

Chiquinho França tem uma carreira consolidada e de sucesso, tem cinco CDs instrumentais e um DVD (Solo), gravado no Teatro Arthur Azevedo, na capital maranhense. Não é à toa que esse artista já emplacou temas musicais nos programas Globo Repórter e Fantástico, da Rede Globo.

Com toda essa mistura de linguagens, influências, referências, tradições e novidades deixa clara a efervescência que vem acontecendo nessa vertente da música brasileira e que devemos dar muito valor e levar à frente, mostrar para os maranhenses, quão rica é a nossa cultura e que, principalmente, temos que valorizar e aplaudir de pé a todos eles que nos fazem muito bem aos olhos e aos ouvidos. E nós maranhenses, que somos amantes da boa música, não precisamos ser tão exigentes quando queremos ouvir boas melodias, com excelentes letras, pois vivemos em campo minado, literalmente, onde não só temos escritores consagrados, como também, temos boa música e bons músicos.

E nesse percurso de vida, quando ouvimos um acorde, um arranjo, que nos faz transcender a outro universo, só precisamos fechar as pupilas e nos deixar leva, dar asas à imaginação, nas ondas da guitarra de Chiquinho França, que nos faz atravessar mares, montanhas e chegar até o firmamento.

